

Jornal

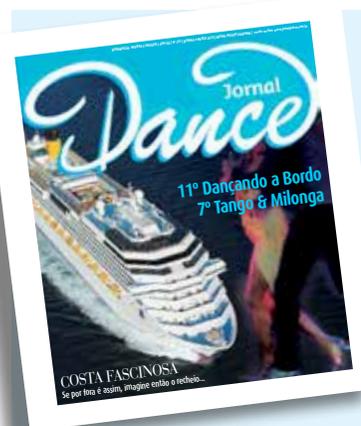
# Dance

11º Dançando a Bordo  
7º Tango & Milonga

**COSTA FASCINOSA**  
Se por fora é assim, imagine o recheio...



## Editorial



**Jornal Dance** | Edição Especial  
Nº 201 – Jan./Mar. 2014

**Editor e jornalista responsável:** Milton Saldanha  
(MTb 3.419 e matrícula Sindicato dos Jornalistas 4.119-4)

**Repórter Especial:** Rubem Mauro Machado

**Projeto Gráfico e Arte:** Ronie Prado,  
Telma Cavalieri, Mariângela Bueno, Cla Sampaio,  
Priscila Afonso, Carolina Colli, Debora Casella,  
Bia Prado e Ana Paula Falcão.

**Colaboradores especiais:**  
Renê Hermann e Francisco Ancona

**Fotos:** Cleber Miranda, Kriz Knack, Milton Saldanha,  
Studio Ruda, Arquivo Dance, Arquivo Costa

**Impressão:** LTJ Editora Gráfica

**Produção:** Syntagma Comunicação Social Ltda.

**Apoio editorial:** Ancona Lopez Publicidade Ltda.

**Endereço:** Rua Pais da Silva, 60 – Chácara Santo  
Antonio, São Paulo/SP, Cep. 04718-020.  
Tels. (11) 9-8192-3012 ou 5184-0346

**Tiragem impressa:** 10 mil exemplares

**Distribuição online (PDF):**

5 mil endereços eletrônicos,  
parcerias com sites, blogs e redes sociais.

**Para acesso espontâneo na Internet  
e edições anteriores:**

[www.jornaldance.com.br](http://www.jornaldance.com.br)

**e-mail:** [jornaldance@uol.com.br](mailto:jornaldance@uol.com.br)

Distribuição gratuita em terra e no navio Costa Fascinosa

**Jornal  
Dance**

# Conquistas & Alegrias

*“As vezes nem acredito que chegamos aqui...”*

Este jornal chega aos 20 anos festejando uma conquista: ter sido promotor e divulgador oficial do cruzeiro Dançando a Bordo durante 11 anos. E do Tango & Milonga durante sete anos. Além, ainda, do primeiro ensaio que gerou tudo: o Cruzeiro Dançante ao Prata, em 1995, no navio Eugenio Costa. No meio disso tudo, os cruzeiros Movida Latina, um momento que passou, mas que nem por isso perde seu lugar na História da dança de salão brasileira.

O balanço dessa trajetória está nas páginas desta edição, o **Dance 201**, com o objetivo de se transformar em documento, aliás como já é toda a coleção do jornal.

As vezes nem acredito que chegamos aqui, desde aquela sempre lembrada reunião do primeiro planejamento, em 1994, com Francisco Ancona, em sua agência de publicidade, na Bela Vista, tradicional bairro paulistano que ainda preserva fortes traços da imigração italiana. Isso poderia ser um detalhe sem maior significado não fosse o fato de que a Costa Cruzeiros é italiana e faz questão de manter vivos os traços culturais que tanto marcam, e encantam, nesse povo irmão. O Brasil é também muito italiano, principalmente em São Paulo e na Serra Gaúcha. Aqui gerou até o Palmeiras... Paixões à parte, nem é o meu time, sou colorado (Inter), isso é um legado de conteúdo humano e sociológico da maior importância. Tudo isso, amigos, para dizer que nos navios Costa, nós, brasileiros, estamos em casa.

É como me sinto também cada vez que volto à Itália, ou a Portugal. Diferente, com todo o

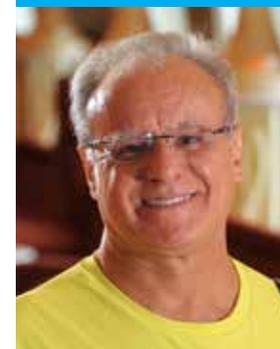
respeito, de ir à Inglaterra ou Alemanha, onde a gente é sempre mais estrangeiro. Não foi de outro modo agora, ao rever cidades famosas da Itália e retornar, cruzando o Atlântico, desde Savona, a bordo do Costa Fascinosa. Aventura que recomendo e da qual conto as minhas impressões, nesta edição.

Sobre os professores, apresentados nas páginas centrais, já dispensamos adjetivos: são todos conhecidos e conceituados, e ninguém esperaria nada diferente nos critérios de Theo e Monica, responsáveis pela coordenação artística do Dançando a Bordo e do Tango & Milonga. Casalsímbolodo cruzeiro e que responde também pelo meticuloso treinamento das equipes de personal dancers, que juntamente com os mestres formam nosso Dancing Team. Ainda que sejam atribuições diferentes, em nada difere os nossos pessoais dos professores no plano das responsabilidades a bordo: dar o melhor de si e contribuir para a felicidade geral de todos. Aqui, nestes dias de fantasia e sonho dos cruzeiros dançantes, o mar não é salgado. Tem o doce sabor dos ritmos do gosto de cada hóspede.

Logo após a apresentação do Dancing Team, você terá uma idéia da fartura musical a bordo, proporcionada pelas bandas, trios, duos e solos, além dos DJs. Entre estes últimos, dois nomes merecem nossa homenagem pela fidelidade ao projeto em tantos anos: o casal La Luna e Drika, que a propósito, fato inédito, casaram durante um Dançando a Bordo, com todas as pompas, no salão principal.

Enriquecem esta edição, e jamais poderiam

Milton Saldanha



**Editor e jornalista responsável**  
Jornal Dance

faltar, os comentários do diretor-geral da Costa Cruzeiros para a América do Sul, Rennê Hermann; o conto literário sempre com refinado humor e de final inusitado de Rubem Mauro Machado, escritor que já ganhou o Prêmio Jabuti pelo melhor romance nacional (1986), com “A Idade da Paixão”; a crônica a cada ano mais brilhante de Francisco Ancona, sempre repleta de sensibilidade e captando os pequenos detalhes da vida a bordo. Desta vez, Francisco nos leva a um passeio no tempo, pelos velhos bailes paulistanos.

Não poderia encerrar esta apresentação sem uma referência muito especial, e mais do que isso, carinhosa, à equipe de Arte da Ancona Lopez Publicidade. Capitaneada por Ronie Prado, e tendo como fiel escudeira Telma Cavalieri, além dos demais mencionados aqui ao lado, no Expediente, essa equipe de artistas foi a responsável pela capa e layout desta edição. Nem preciso comentar, o visual do jornal fala por si... Fazer o **Dance 201**, Especial, foi uma grande alegria, depois de um recesso de meses, imposto pela necessidade do meu repouso, pois foram 20 anos intensos, na maior parte do tempo jogando sozinho nas quatro linhas, e quase sem férias. Ainda que pareça que fazer jornal de dança não seja trabalho...

Obrigado a todos os parceiros e apoiadores; e a todos os leitores dançarinos, do mar e da terra!



Renê Hermann



Diretor superintendente da Costa Cruzeiros América do Sul.

# Um decênio de dança e navegação

Análise

Temos convicção de que o êxito do Dançando a Bordo, comprovado ao longo dos últimos onze anos, ajudou a consolidar fortemente na Costa Cruzeiros o conceito de que os dias de navegação são ideais para o intenso exercício da dança. Em outras palavras, navio e dança fazem um casamento perfeito. E hoje, mesmo nos cruzeiros não temáticos, as aulas de dança e os bailes, animados por orquestras, grupos musicais diversos e DJs, ganham cada vez mais espaço como uma das atividades preferidas a bordo.

Para isso contribui de maneira decisiva a qualidade de nossos navios, que oferecem uma estrutura inigualável de palcos, qualidade de som e luz e, claro, espaços privilegiados para músicos e dançarinos se exercitarem. O Dançando a Bordo, que chega agora à sua décima-primeira edição, é o “crème de la crème”, a cereja do bolo, a coroação de todos os nossos esforços, ocasião em que uma cidade flutuante se transforma num imenso salão de baile, espetáculo inesquecível. Em estreita parceria com o jornal **Dance**, sob a inspiração e o comando de Francisco Ancona, a animação do diretor de cruzeiros Naim Ayub e a direção artística do casal Theo e Mônica, o Dançando a Bordo se constitui num evento sem paralelo, hoje seguido de perto por seu “filhote”, o Tango & Milonga, que ruma para o Prata e está completando sete anos.

Nossos grandes teatros, com capacidade para cerca de 1.300 espectadores, equipados com o que há de mais moderno em recursos audiovisuais, possibilitou nesses anos todos a apresentação de algumas das melhores companhias de dança do país. O elenco de artistas e professores de dança que já passou por nossos salões é um verdadeiro Quem é Quem da dança de salão brasileira e isso tudo está lembrado em diversas matérias desta edição do Dance. A grade de atividades dançantes se estende da manhã até a madrugada -

e tudo para a satisfação dos hóspedes que têm lotado nossos navios e, temos certeza, continuarão a fazê-lo nos próximos anos. A boa notícia é que na próxima temporada contaremos com o Costa Favolosa, Costa Fortuna e Costa Pacífica, cada um com capacidade para cerca de 3.800 hóspedes.

Para ilustrar o alto padrão dos navios da Costa que operam na costa brasileira, gostaria de lembrar que o Fascinosa, casa este ano tanto do Dançando a Bordo quanto do Tango & Milonga, é um dos mais modernos transatlânticos da nossa frota: tem 290m de comprimento por 35,5 m de largura e desloca 114.500 toneladas. Possui 1.508 cabines, quatro piscinas e cinco jacuzzis.

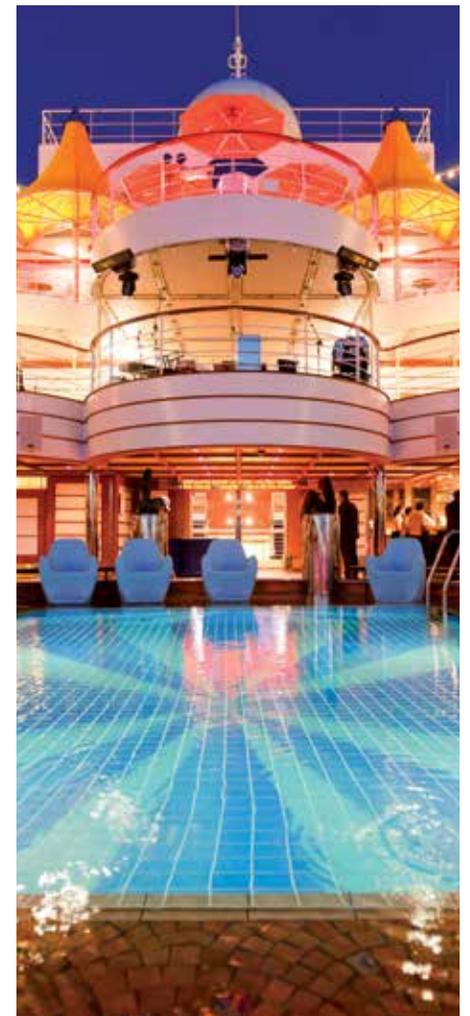
Logo ao entrarem no Átrio (entrada principal), chamado de Amarcord, os hóspedes se deliciam com um cenário inspirado no filme clássico de Federico Fellini, decorado com cores quentes e lustres em forma de diamantes.

A área externa é dedicada ao filme “E o Vento Levou”. Com mais de 1.000m², traz opções de relaxamento e entretenimento, como banheiras de hidromassagens com vista para o oceano, cachoeiras e outras atrações. A outra área no deck principal, a Blue Moon, possui teto de vidro deslizante, possibilitando a contemplação do céu nas mais diversas condições atmosféricas. No local, há também uma tela de cinema de 18m², onde passam filmes e vídeos, e um palco onde são encenadas numerosas atividades, incluindo aulas de dança ao ar livre.

Uma das novidades é o Nuovomondo 4D Cinema, em quatro dimensões, para a alegria de adultos e crianças. Outra atração imperdível é o carro de corrida, simulador que permite aos hóspedes dirigir pelas principais pistas do mundo, incluindo a de Interlagos. Destinado às crianças, o Acqua Park é um playground com um navio pirata, um castelo e um toboágua.

Não faltam durante o dia atividades as mais variadas, incluindo brincadeiras alimentadas pela equipe de animação, aulas de dança de todos os ritmos pela manhã e à tarde, e vesperais dançantes. À noite, os hóspedes podem ver grandes espetáculos no Teatro Bel Ami e depois se divertir num dos 13 bares, na Babilônia Disco, ou dançar nos cinco ou seis bailes simultâneos, sendo os principais o do Grand Bar Topkapi e do salão Chéri, ambos na Ponte Cinco. E, como ninguém é de ferro, o melhor da cozinha italiana e internacional é encontrado num dos cinco restaurantes do navio. Também abriga fascinante coleção de obras de arte, algumas encomendadas especialmente para seus ambientes, outras cópias de artistas contemporâneos, com a temática do universo do cinema, além de fotos de atores, atrizes e diretores que se tornaram ícones mundiais, inclusive nos elevadores.

O Samsara Spa, com 6 mil metros quadrados, oferece o que há de mais moderno em tratamentos de beleza e bem-estar. Para hóspedes que desejam descansar e aproveitar somente esta área, há cabines e suítes Samsara, com acesso restrito ao spa. A academia de ginástica está equipada com o que há de mais moderno em tecnologia, com equipamentos que permitem acesso à internet, TV e som durante a prática de exercícios. O Samsara ainda tem um restaurante exclusivo com conceito de alta gastronomia saudável. Ou seja, temos consciência de que oferecemos o máximo possível para que cada jornada seja um momento a ser guardado para sempre na lembrança de cada um.



Fevereiro e Março 2014

## 11º DANÇANDO A BORDO

2/2	DOM	SANTOS	-	18.00
3/2	SEG	BÚZIOS*	12.00	18.00
4/2	TER	navegação	-	-
5/2	QUA	SALVADOR	09.00	18.00
6/2	QUI	navegação	-	-
7/2	SEX	ILHABELA	14.00	20.00
8/2	SÁB	SANTOS	08.00	-

## 7º TANGO & MILONGA

8/3	SÁB	SANTOS	-	18.00
9/3	DOM	navegação	-	-
10/3	SEG	navegação	-	-
11/3	TER	BUENOS AIRES	10.00	-
12/3	QUA	BUENOS AIRES	-	18.00
13/3	QUI	PUNTA DEL ESTE**	09.00	18.00
14/3	SEX	navegação	-	-
15/3	SÁB	navegação	-	-
16/3	DOM	SANTOS	08.00	-

Roteiros sujeitos a alteração. | \*Búzios poderá ser substituída por Cabo Frio.

## Serviço



por Milton Saldanha

# Para quem vai pela primeira vez

*Prepare seu coração! Até quem sempre viaja fica encantado, mergulhando na fantasia, quando se depara com aqueles belíssimos salões, pistas de dança, bares, elevadores panorâmicos, restaurantes, cassino, teatro, piscinas, terraços, e todo o aparato de luzes, cores, obras de artes e muitas outras coisas que integram o recheio daquela poderosa nave flutuante.*

É tão grande por dentro, com vários andares chamados de pontes, ou decks, que no começo é normal que algumas pessoas se percam. Sabendo disso, já no dia do embarque a primeira atividade é uma reunião no teatro com o diretor de cruzeiros - no Fascinosa nosso Naim Ayub, veterano no ramo. Essa reunião é imperdível porque ele explica em detalhes como tudo funciona e também como andar no navio sem se perder. E aproveita para apresentar-lhe as equipes de animação e de dança de salão, que estarão todo o tempo com você na viagem. Se levar criança, não se preocupe: existe uma turma só para mantê-las alegremente ocupadas o tempo todo, enquanto você curte suas aulas de dança, práticas e bailes.

Ao entrar no navio você encontrará tripulantes dando as primeiras orientações. Para facilitar ainda mais vamos antecipar algumas dicas: **as cabines de cada ponte ficam sempre em dois corredores, um par, outro ímpar. A numeração começa na proa (frente do navio) e cresce para a popa, a parte traseira.** O Teatro Bel Ami, por exemplo, fica na proa. Portanto, pela numeração, você saberá para que lado deve seguir. Depois, para chegar ao teatro, basta descer à **ponte 4 (mezanino)** ou a **ponte 3 (platéia)**.

Saiba também que, além da **ponte da sua cabine**, as que mais vai usar serão a **3, 4, 5 e 9**. A **ponte Zero** também é importante porque é ela que usaremos para sair e entrar no navio durante as escalas.

Na **ponte 3** fica o Atrio, fácil de identificar pelos belos elevadores panorâmicos, com o bar, piano e pista de dança. Ali fica o Serviço de Apoio ao Cliente, também informalmente chamado de Recepção. Funciona 24 horas e atende em várias línguas. Qualquer dúvida, pergunte ali. No átrio fica também o balcão de excursões. Dá acesso à platéia do teatro e a um dos restaurantes, o Otto e Mezzo, central. Se o seu restaurante for o outro, Il Gattopardo, na popa, siga pela ponte 5 até a popa, passando pelo Cassino, e desça à **ponte 3**, usando os elevadores ou escadas laterais. Por dentro de um restaurante não dá para chegar ao outro porque a cozinha do navio fica entre

eles. Isso explica o passeio pela **ponte 5**, que é sempre agradável.

Na **ponte 4** você tem acesso ao mezanino do teatro e ao mezanino do restaurante central, o Otto e Mezzo. Ali ficam os serviços fotográficos; a Biblioteca e a sede do Costa Club.

A **ponte 5** é a mais movimentada. Nela estão as lojinhas, como um pequeno shopping. O salão principal, o Grand Bar Topkapi, com a grande pista de dança redonda, palco das bandas e muitas mesas e poltronas. Logo adiante, a Chocolateria Bagdad Caffé. Ao lado, aparelhos para entretenimento de adolescentes. Em frente, continuando pelo corredor, o Cassino. E, ao fundo, três bares, com pistas de dança e música ao vivo e DJs: o Blue Velvet, ao lado do Cassino; o Angelo Azzurro, onde habitualmente funciona a Estação Tango; e ao fundo o Cheri, o maior dos três, com um bar redondo ao centro e onde se revezam duas bandas de MPB.

Na **ponte 9** ficam as piscinas e buffet self-service, dividido em estações, com variadas opções, como pizzas, saladas, pratos quentes, grelhados, doces e sanduíches. A Piscina Central, que nos cruzeiros Dançando a Bordo e Tango & Milonga ganha o nome de Arena Jornal Dance, é a do agito e das festas. A piscina da popa, portanto ao fundo, é para o repouso e silêncio dos guerreiros. Um bom lugar para relaxar, mas só de vez em quando... Porque o melhor mesmo é lá no agito!

## Check list



### O que levar

- Sapatos confortáveis para dançar e caminhar, tênis, chinelos.
- Meias.
- Roupas íntimas.
- Roupas esporte informal.
- Bermuda / calça jeans / traje para fitness.
- Terno e gravata / vestido longo.
- Blazer / esporte fino.
- Roupas sociais para jantares, bailes e festas.
- Fantasia para o baile de Carnaval.
- Roupas de banho (maiô, camiseta regata, saída de praia).
- Boné / chapéu de sol.
- Jaqueta leve / moletom.
- Jóias / bijuterias.
- Cremes / hidratantes / filtro solar / condicionador. (No banheiro há shampoo).
- Pasta de dentes / escova / fio dental.

- Aparelhagem de barba / material de maquiagem / pente / escova.
- Kit com botões, agulhas, linhas, tesourinha.
- Guarda-chuva pequeno, dobrável. (Recomendável também para passeios sob sol forte).
- Equipamento fotográfico / filmadora / celular.
- Medicamentos de uso contínuo e/ou preventivos.
- Documentos / dinheiro / cartões de crédito. (Na cabine há cofre).

**Não levar, por ser proibido:** ferro de passar e secador de cabelos. Na cabine há secador e o navio oferece serviços de lavanderia (pago).

**Dê preferência para roupas que não precisam ser passadas. Sugerimos levar uma sacola vazia para a roupa suja.**

**Importante:** não esquecer da carteira de identidade original. Para o Tango & Milonga tem a opção do passaporte.

### Conheça o seu navio:

**Tonelagem:** 113.216t  
**Compimento:** 290m  
**Largura:** 35,5m  
**Velocidade de cruzeiro:** 20 nós  
**Velocidade máxima:** 22 nós  
**Cabines e suítes:** 1.508  
**Restaurantes:** 5  
**Bares:** 13  
**Piscinas:** 4, uma delas com cobertura retrátil.  
**Jacuzzis:** 5  
**Teatro:** com 3 andares. Palco que gira, sobe e desce. Alta tecnologia para efeitos de luz e som.

## Crônica

Francisco Ancona



Consultor de Marketing da  
Costa Cruzeiros, América do Sul.

# Os bailes de um não-dançarino paulistano

Nasci na Bela Vista, bairro boêmio e multicultural de São Paulo. Onde os italianos das cantinas convivem com os bambas do samba - a Vai Vai segue ali até hoje. Nos anos 70 e 80 famosas casas noturnas pipocavam na 13 de Maio, havia música de qualidade todas as noites e para todos os gostos. Chorinho, jazz, samba, MPB, tango, se ouvia e se dançava de tudo. Tarde da noite era difícil subir a rua de carro, tamanha a massa descolada que vivia zigzagueando pelo popularmente conhecido Bixiga, num curso incessante entre o Café Piu Piu, Igrejinha, Café do Bixiga, Carbono 14, Boca da Noite e outros.

Não sou de bailes. Expressão corporal nunca foi meu forte. Ao frequentar algumas gafieiras e casas dançantes nos tempos de faculdade, senti alívio ao constatar que minha falta de jeito para a coisa coincidia com a maioria dos homens. Assim como o real motivo de comparecer: curtir a inebriante atmosfera, os insinuantes movimentos das silhuetas femininas a regar as fantasias pós-adolescentes.

Pistas ferviam em múltiplos endereços da metrópole. Pulsavam as gafieiras e salões de baile de grandes dimensões, com orquestras ao vivo e gigantescas pistas apinhadas de dançarinos. Disputava-se a cotoveladas o metro quadrado para se dançar a dois. A energia era impressionante, o ambiente sedutor: metais, cordas e percussão tocavam sambas, mambos e boleros em sequências sempre contagiantes. O salão salpicado com parafina em flocos para facilitar os movimentos dos casais. Numa curiosa postura que custei a decifrar, os cavalheiros dançavam com lenço nas mãos para que o suor não manchasse os vestidos das damas. No Paulistano da Glória, meu baile preferido, o imenso globo

espelhado girava no teto, iluminado por holofotes. Em setembro lá realizava-se o Baile da Primavera, em que as damas trajavam rosa. O figurino temático se materializava em senhoras e senhoritas de classes sociais e elegâncias diferentes, o que me fazia criar concursos mentais de "Miss Primavera". Eu imaginava as eliminatórias, escolhia as finalistas, por fim a vencedora, a quem naturalmente nunca abordava. Dançarino pouco dotado, faltava auto-confiança.

A Rua da Glória corre paralela à Avenida da Liberdade, já próxima da Praça João Mendes - aquela para a qual a Catedral Metropolitana dá as costas (a Sé paulistana, admito, não é das mais fotogênicas, de ré então...). Voltando aos bailes, longas e desordenadas filas eram comuns às sextas feiras e sábados para adentrar o imponente salão. Entrando à esquerda, o longo balcão do bar era quase inacessível em noites de casa cheia. A grande figura da escola de samba Paulistano da Glória, que sucedeu com grande êxito o homônimo bloco, era então o sambista Geraldo Filme, morador ilustre do vizinho Bixiga. Os sambas com que a escola fez bonito na Avenida Tiradentes de 1974 a 1980 (o Sambódromo do Anhembi viria só anos depois), eram de sua autoria - aliás, ele sangue azul da agremiação, visto que sua mãe fora uma das co-fundadoras do cordão carnavalesco que daria origem a tudo. Em consentida e bem sucedida traição, Geraldo também compôs enredos para a Vai Vai, com a qual ganhou o Carnaval da cidade.

A lista de bailes populares e charmosos de São Paulo impunha respeito: o Garitão, na Barra Funda, enorme casa de tempero caribenho mesclado ao samba de gafieira; Lord e depois Cartola Clube, na Brigadeiro Luiz Antonio com Avenida Paulista, entre

os cines Paulistano e Biarritz (quantas vezes subi cheio de expectativas aquelas escadas); Patropi, na rua Cubatão, reduto das formosas empregadas domésticas dos Jardins, boas de ginga dentro de justíssimos jeans; Melodia Clube, do Miro, no Palácio Mauá, ali no Viaduto que liga a Brigadeiro à Praça João Mendes; os bailes do Piratininga; Carinhoso, do Augusto, no Ipiranga; Clube Vila Maria; Avenida Danças, na Ipiranga (não confundir com o inesquecível Avenida Club, de Pinheiros), onde ao contrário de hoje o homem é quem pagava para dançar; o mitológico Som de Cristal, em plena Boca do Lixo (na Rego Freitas), onde, paradoxalmente, o respeito e compostura, código tácito dos bailes, era seguido à risca - por mais que não combinassem com a vizinhança barra pesada. Isso, para ficar apenas nas casas de bailes que eu, um assumido não-dançarino paulistano, frequentei.

Havia muitas mais. São Paulo dançava e era despidamente feliz, contagiando também os coadjuvantes que se satisfaziam de apenas assistir ao espetáculo que as pistas lotadas ofereciam, e quem sabe colher outros prazeres no final.

Passaram-se três décadas, o mundo é outro. Dançar, sempre se dança - mas em outras pistas. O saudoso ator e dramaturgo Plínio Marcos, próximo das coisas do samba e futebol, já escrevia no Carnaval de 1977: "acabam os campos de várzea e se constroem estádios"; "acabam com as peladas e os peladeiros viram meros espectadores nos grandes estádios"; "não dão espaços para as quadras de samba e põem o povo pra assistir o desfile"; "os bailinhos, os timecos de esquina, as festinhas das comunidades dos bairros estão desaparecendo". Seu artigo, intitulado "Fim de Festa" e publicado no "Folhetim", soava apocalíptico e foi motivo de polêmica em São Paulo. Hoje, constatamos que os campinhos de várzea da cidade, uma época tão numerosos, escassearam. Pratica-se o esporte nas esco-

linhas oficiais dos grandes clubes - que proliferam em regime de franchising pelos bairros e cidades vizinhas. De lá, saem os novos talentos que antigamente eram descobertos na várzea. E quanto aos bailes, quase já não se ouve mais o som das orquestras tocando, menos ainda acham-se os grandes e acolhedores salões. Proliferam sim escolas, academias esuaspráticas (os "bailinhos"). Os personal dancers hoje se encarregam das damas. "O importante é que a nossa emoção sobreviva", refrão do samba "Mordaça" de Paulo Cesar Pinheiro e Eduardo Gudin daqueles anos, lançava uma mensagem desafiadora para o futuro. A técnica está presente na dança, no futebol mas... onde anda a emoção? Seria este mais um embate do rochedo contra o mar?

Não por coincidência, trabalho na Bela Vista. Afinal, nela nasci e resido. Por praticidade, eventualmente almoço no vizinho bairro da Liberdade. Tempos atrás, buscando parar o carro, acabei pegando a Rua da Glória. Distraído, procurava um estacionamento, difícil missão. Por fim vi uma placa de tripé com escrito em garrafal vermelho: "Pare aqui - R\$ 10 meia hora". Apontava para a margem direita da rua. Entrei e, ao puxar o freio, já abrindo a porta para descer, uma sensação familiar me tomou. Eu já estivera ali. Acreditem, o velho salão do Paulistano da Glória hoje recebe automóveis, motos, picapes. O globo não está mais no teto, a pista virou pátio, o balcão do bar continua com sua caixa registradora, mas não cobra mais chopes, cuba libres ou gim tônicas. Hoje, a dança dos pneus vai muito bem por lá, obrigado.

## Reportagem



Mindelo

Fotos: Milton Saldanha

# Travessia,

## uma experiência repleta de emoções

*O navio Costa Fascinosa já é um velho amigo.*

*Nele fizemos o sexto Tango & Milonga, na temporada passada. E, abrindo a temporada de cruzeiros 2013-14, a travessia da Itália para o Brasil, uma experiência que vai ficar na memória para sempre.*

Com duração de 19 noites, partindo de Savona, a 40 minutos, de trem, de Gênova, teve escalas em Casablanca, no Marrocos; Santa Cruz de Tenerife, no arquipélago das Canárias; Mindelo, no arquipélago de Cabo Verde. E, depois de três dias de navegação, sem ver terra, exceto uma vez, de longe, ao passar por Fernando de Noronha, chegamos em Recife. As escalas brasileiras seguiram com Maceió, Salvador, Ilhéus, Rio de Janeiro e chegada em Santos. Já veteranos em navegação de cabotagem, termo dos marinheiros para definir as viagens pela costa doméstica, é claro que nossas atenções e maiores emoções ficaram por conta da rota mediterrânea e, depois de cruzar o Estreito de Gibraltar, nos países da costa Africana banhados pelo Oceano Atlântico, o segundo maior do mundo, depois do Pacífico. Numa viagem tão longa, é natural que as impressões das pessoas sobre os lugares visitados sejam as mais variadas e, não raro, opostas. Enquanto alguns mostram especial entusiasmo por determinado lugar, outros torcem o nariz. O que, para alguns pode ter um significado profundo de encontro com a História e a Geografia, coisas que se ouviu muito na escola, ou se aprendeu em leituras,

para outros pode ser a indiferença absoluta. Portanto, não leve em conta opiniões sobre as escalas caso algum dia queira viver essa experiência. Você tem que construir seus próprios sentimentos e conceitos. Por exemplo: quem viaja só pensando em compras, não vai encontrar um shopping em Mindelo. Mas quem viaja querendo conhecer o mundo como ele realmente é, sem fantasias, vai amar a ilha e seu povo predominantemente negro, muito simples, gentil e educado. É uma generosa escala técnica e social, que ajuda muito a ilha repleta de carências. Ali até a água potável é escassa. Obrigado Costa Cruzeiros por fazer isso por Mindelo!

Amei Mindelo, e foi uma surpresa. Até avistar do terraço do navio as montanhas cinzas, de formação vulcânica, que formam aquela parte do Cabo Verde, uma república parlamentarista que já foi colônia portuguesa, eu não tinha a menor idéia de como era o Cabo Verde, embora ouvisse falar dele desde as aulas de História, na infância, porque era uma das referências geográficas do Tratado de Tordesilhas, que loteava o mundo entre os colonizadores portugueses e espanhóis. Como, pois, não se emocionar

e não ficar imaginando as épicas navegações do passado, na frente daquele marco? Viagem é isso, amigos, encontro também com o tempo e com nossas raízes mais remotas. Quem olha com indiferença não faz idéia do tesouro que está perdendo.

Tenerife, nas Canárias, território espanhol, a escala anterior, nos revelou também uma paisagem de beleza árida e rara, impressionante, com o cinza das larvas caracterizando suas formações rochosas. Um geólogo ali deve ficar em transe, porque se trata de obra rara da natureza, esculpida em milhões de anos. A cidade é bonita e agradável, atendendo a todos os gostos dos turistas, incluindo compras e gastronomia. Seu principal cartão postal é o inativo (ainda bem) Vulcão de Teide. No cume de 3.718 metros, é a montanha mais alta das terras espanholas. Uma das excursões do navio leva até lá. Aos interessados recomenda-se comprar, por segurança, porque o passeio é mais demorado. Se atrasar, o navio espera. Em escalas jamais cometa o erro de sair por conta própria para lugares distantes. Perder o navio é um pesadelo enadavaleesserisco. Fora o mico de ser chamado algumas vezes pelo som geral, como manda o regulamento, o que incomoda a todos.

Como este relato começou em marcha a ré, sem seguir a cronologia da viagem, vamos retornar ao Mediterrâneo, mais precisamente a Savona, na Itália, onde a Costa mantém um bellissimo terminal portuário, moderno e confortável. A organização dos embarques e desembarques é exemplar, sem transtornos. Chegamos lá por trem, depois de uma noite em Gênova, a cidade mais culta da Itália, com universidade de prestígio e tradição comparável a Sorbone, na França, e a Coimbra, em Portugal. Vale a pena conhecer a cidade, com suas praças e monumentos. Paga-se pouco pela viagem de trem para Savona e dura só 40 minutos. O chato é lidar com as bagagens. Deixe fácil, porque a descida do trem tem que ser rápida: depois de alguns minutos ele fecha as portas e segue viagem. Da estação para o terminal é indispensável usar táxi, que vale por um passeio pela cidade, passando na frente do Priamar, o castelo protegido por uma imensa fortaleza. Para pessoas mais idosas ou com dificuldades de locomoção é melhor pegar o ônibus, em Gênova, a serviço da Costa, que para no terminal. Além do conforto, tem a vantagem de economizar o taxis em Savona, que custa 15 euros.

por Milton Saldanha

Savona é pequena e aprazível. Historicamente rival de Gênova, um dos seus orgulhos é que ali Cristovão Colombo tinha propriedade rural, plantava e descansava entre suas viagens.

A navegação pelo Mediterrâneo é macia, as ondas são minúsculas, e me fez lembrar de cruzeiro que fiz com Rubem Mauro pelo Báltico, uma espécie de grande Lagoa dos Patos. Na maior parte do tempo parece que o navio está parado. A água do seu copo, nas refeições, estará inerte como se fosse em terra. O grande momento é passar pelo Estreito de Gibraltar, repleto de lendas, como Os Pilares de Hércules, que os antigos pensavam ser verdade. Ponto altamente estratégico, porque literalmente dali se controla toda a navegação entre Atlântico e Mediterrâneo, com fácil alcance dos canhões, tem o domínio militar dos britânicos. O imenso rochedo, lembrando nosso Pão de Açúcar, é o marco de Gibraltar. Ao norte fica a Espanha, com o território militar inglês. Ao sul, Marrocos e Ceuta, este último enclave espanhol no norte da África. Indispensável lembrar da importância e das tensões vividas na área durante as duas grandes guerras mundiais. Contam que os submarinos alemães passavam por ali em zigue-zague e alta velocidade, para burlar os radares. Como a largura mínima é de apenas 14,4 km, dá para imaginar o terror daqueles marinheiros. O rochedo é um monumento natural e indestrutível, que excita a imaginação de quem gosta de História.

Nossa primeira escala foi Casablanca, no Marrocos. Esqueça o fantástico filme de Humphrey Bogart, que celebrou a cidade. Foi rodado em estúdio, e com um detalhe que vale a pena recordar: não tinha roteiro, os próprios atores foram inventando a história, no calor da emoção.

Até na cena final, no aeroporto, ninguém sabia como terminaria. Foi obra de gênios. Nem daria para ter sido filmado em Casablanca, na época ocupada pelos alemães. No mínimo teriam sido todos presos. Os moradores de Casablanca dão risadas quando alguém pergunta onde ficava o cabaré. Se for um taxista safado será capaz de levar o turista até lá...

A Casablanca real é moderna e bem arborizada, com um trânsito infernal. É interessante, inclusive, pelo vestuário oriental das pessoas nas ruas. Mas o que vale mesmo a pena é pegar a excursão do navio e ir de ônibus até Marrakech, onde o Atlético Mineiro deu vexame e perdeu o campeonato. Entre o que até agora Rubem Mauro e eu vimos de mundo, cerca

de 70 países, podemos afirmar que três cidades são únicas, ninguém verá semelhantes: Veneza, Brasília e Marrakech. No inverno, a mais famosa cidade do Marrocos, depois de Casablanca, é insuportável; e no verão pior ainda, quando o calor chega aos 50 graus. É clima de deserto. Todos os prédios, em estilo mediterrâneo, têm a mesma cor, um leve vermelho opaco, único apropriado ao calor.

Seria longo e enfadonho explicitar aqui os passeios previstos na excursão. Basta dizer que inclui visitas a palácios milenares e mesquitas; almoço típico com música ao vivo e bailarinas de dança do ventre; caminhadas pelo grande bazar e visitas a lojas e antiquários com produtos belíssimos. O ápice é a praça principal, onde se vê de tudo, de cabeças de bode no espeto, tem gosto para tudo, a encantadores de serpentes, com flautas. Só que as vezes, com preguiça, elas ficam brochas e não sobem, para decepção dos turistas... Marrakech é fascinante porque reúne todas as fantasias, ao vivo, do mundo oriental. E não é só para turistas, a vida deles é mesmo assim, nas roupas, cultura, culinária, hábitos, língua – um dialeto do árabe, mas o francês é também língua oficial. Mas a ida até lá, de ônibus, 4 horas rodando, mais 4 para voltar, é também uma atração especial. Você verá variados tipos de solos, mudam até as cores da terra, e depois de áreas verdes passará por um longo deserto, só com areia e pedras e rara vegetação rasteira. Ali, de forma inacreditável, vivem pessoas em pequenas e pobres aldeias. Por todo o deserto verá pastores com cabras e ficará se perguntando como esses animais sobrevivem em condições tão rudes, num terreno que parece lunar. Os pastores vivem do leite e produção de queijos, além do abate das improdutivas.

Ingressar pelo interior do Marrocos nos proporciona uma idéia sobre o norte africano, onde as relações entre os países vizinhos geralmente não são amistosas. E a vida lá não é fácil. Por exemplo, o país não produz uma gota de petróleo, importado da Espanha. A Argélia, ao lado, produtora, é considerada país hostil. Logo, tudo é caro, principalmente o transporte. Razão pela qual existem duas categorias de táxis, os normais e os vermelhos, coletivos e sempre lotados. Porém, falando sério, não dispense as excursões do navio, para maior conforto e segurança em todos os sentidos. Num país tão diferente de tudo que conhecemos, este é o conselho mais sensato que podemos deixar.



Tenerife



Marrakech

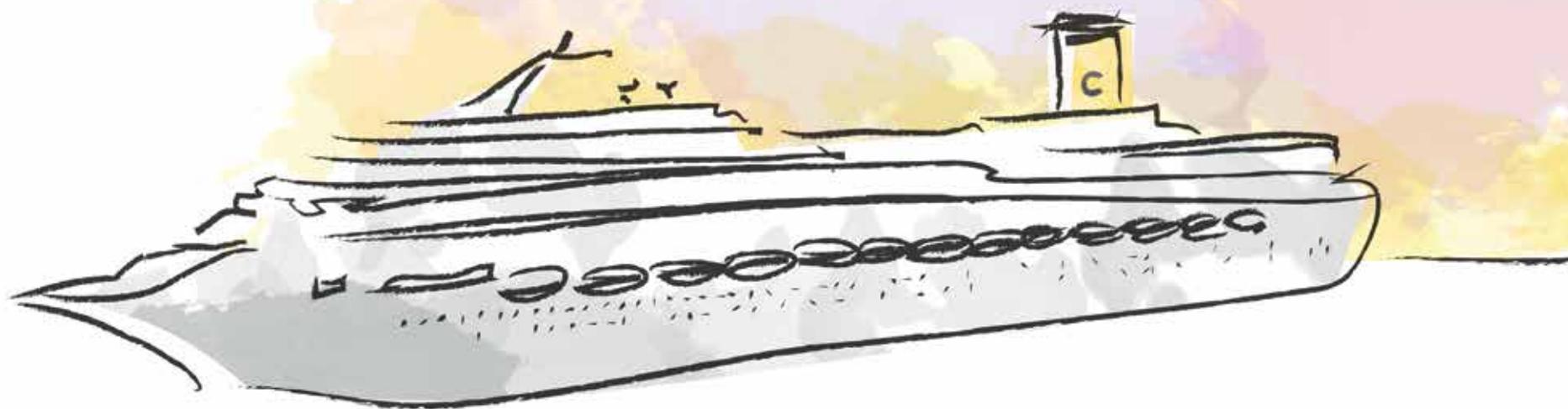


Bailarina em Marrakech

Itália Brasil 2013-14

**COSTA FASCINOSA**

## Ficção



# Boa viagem, Velho

Eu gostaria de fazer um cruzeiro, o Velho disse. Ele só pode estar de brincadeira, o Filho pensou. O Velho passara a vida toda falando em fazer uma grande viagem, conhecer a Europa, os Estados Unidos, e nunca arredara pé dali, entregue ao trabalho. Quando tirava férias não passavam de uma semana: quem cuidaria da pequena loja? Agora, doente, no bico do corvo, como ele mesmo gostava de dizer, contando os dias que lhe restavam, os ossos virando farinha, afogado na tristeza de ter perdido meses antes a mulher com que fora casado por mais de 40 anos, é que se aventuraria pelos mares? Mas ele falava sério, o Filho logo comprovou.

– De onde tirou essa idéia, Velho?

O Velho tinha visto no jornal o anúncio, com a foto do navio. Não parou de falar nisso, até que o Filho disse, tá bem, vou comprar duas passagens, quem sabe vai ser bom respirar um pouco de ar puro, experimentar coisas novas. Vou ver um cruzeiro bem tranquilo, de uma semana, para nós. Bem tranquilo eu não quero, o Velho retrucou, eu quero o mais alegre, o mais animado. Eu quero aquele de dança, que você mencionou outro dia.

– E você não vai se cansar, Velho?

– Meu filho, pra descansar eu tenho toda a eternidade.

– Acho uma loucura, mas seja feita a vossa vontade.

– E tem outra coisa: no navio com certeza você vai topar com algumas mulheres inte-

ressantes. Trate de arrumar uma namorada. O Filho não respondeu. Desde o divórcio não tivera relacionamento sério, desgostoso do amor, ocupado em cuidar do pai doente.

Isso tinha um mês. E agora ali estava ele, empurrando a cadeira de rodas pelo cais de Santos, ao pé do imponente Costa Fascinosa, sob o sol do começo de tarde. Junto ao pé da escada, ajudou o Velho a se erguer. O pai se apoiou com determinação na bengala, seguro no braço esquerdo pelo Filho, e assim entrou na grande nave. Embora enfraquecido, pelo menos ele não sentia dores. Pegaram um dos elevadores, rumo à ponte oito. Deixaram a bagagem de mão no camarote e subiram para o restaurante Tulipano Nero, na ponte nove, próximo à piscina. Acomodaram-se numa mesa com vista para a cidade, que brilhava sob o sol. O Filho fez o prato do Velho, carne grelhada com saladas, frutas e sorvete de sobremesa. Depois fez o próprio prato, que atacou com disposição. O Velho parecia deslumbrado com tudo, alegre, uma criança em sua primeira viagem. O navio é um palácio que navega rumo à fantasia.

Depois de comerem, o Velho recusou o convite para descansarem um pouco. Desceram por um dos elevadores panorâmicos até o Átrio Amarcord, na ponte três. Ali, abanaram-se num sofá e, enquanto tomavam um cafezinho, o do Velho violando recomendações médicas, vou chutar o pau da barraca, ele avisara, façanha atlética duvidosa que

o Filho não contestou, ficaram admirando o movimento dos hóspedes que chegavam, ao som carinhoso do piano. Como sempre acontece no Dançando a Bordo, onde ninguém perde tempo, três casais deslizavam pela pista, no doce embalo da Bossa Nova. Neste cruzeiro, a dança começa antes mesmo da viagem.

O Velho tudo observava com um sorriso – e o rosto abatido pareceu rejuvenescido pela primeira vez em muitos meses. O pai acompanhava com os olhos o sobe e desce dos elevadores panorâmicos, a luminosidade da cúpula, a decoração exuberante. Não se conteve e disse entusiasmado, olhos varrendo o espaço em volta:

– Que fantástica obra de engenharia!

Depois de um cochilo no camarote, o Filho desfez as malas. Subiram outra vez até a piscina da popa, para viverem a saída de Santos. Junto à amurada, o Velho acenou para um veleiro e outros barcos pequenos que se aproximaram do Fascinosa, e o navio em despedida emitiu três apitos profundos. Depois de jantarem com apetite pouco comum, e o Velho não dispensou um copo de bom vinho italiano, dane-se a dieta e viva o prazer, pensou o Filho, foram ao teatro. Gostaram especialmente dos números musicais e dos acrobatas russos. Curtiram depois o ambiente do piano-bar Blue Velvet, bebendo coquetéis de fruta, antes de o Velho se instalar numa poltrona do Grand Bar

Topkapi, onde ficou até as duas da manhã apreciando com os olhos luzindo o baile que se desenrolava com fúria. O Filho estava simplesmente de boca aberta com a disposição do pai, e, estimulado por este, acabou entrando na pista. Dançou com gana, como se não houvesse amanhã, certo de que dançava pelos dois.

Todos os dias, depois do café da manhã e dos remédios regulamentares, pai e filho se instalavam numa espreguiçadeira do convés, entretidos a ler as histórias policiais de Simenon, colhidas na biblioteca de bordo. Estar em silêncio um ao lado do outro, entregues à mesma ocupação, estabelecia entre eles uma satisfação e uma cumplicidade que conheciam pela primeira vez. E o Filho compreendeu que até então cuidara do pai com a eficiente dedicação de um enfermeiro mas sem o real carinho de quem ama – e talvez por isso, no fundo, o amargurasse o sacrifício de sua própria vida pessoal. Diante dos espertos comentários paternos sobre os desfechos possíveis dos mistérios, sobre as tiradas do Inspetor Maigret, avaliou que sempre subestimara a inteligência do pai, suas intuições, sua coragem e seu senso de humor. Descobriu nessas horas vadias, nos papos das refeições, que sabia muito pouco sobre quem de fato ele era e como teria sido a vida com a mulher, sua mãe, ao longo de tantos anos. Surpreendeu-se com histórias do casal de que nunca ouvira falar; e com



o fato de que o Velho não apenas recebia, era também capaz de lhe dar alguma coisa. E se perguntou por que em geral pais e filhos conversam tão pouco (a culpa, concluiu, é sempre da falta de tempo, artigo que no navio sobrava).

Graças à amizade que o Pai iniciou com Dona Ivone na mesa de jantar, ficou sabendo, aquela senhora já idosa, meio gordinha, em quem não prestara qualquer atenção, havia sido enfermeira entre os índios da Amazônia e depois em países pobres da África, tendo vivido uma série de experiências tão dolorosas quanto emocionantes. Ela não achava nada demais ter arriscado muitas vezes a vida para ajudar quem precisava. E então o Filho percebeu que os mais jovens, pelo gosto de escutar a própria voz, por serem autossuficientes e preconceituosos em relação aos mais velhos, deixam se perder narrativas que poderiam dar um filme, que os poderiam enriquecer e inspirar; deixam de saber que uma velhota quase risível em suas dificuldades e que mal merece um olhar descuidado pode ter sido em algum momento uma heroína.

Depois do almoço dormiam a sesta no camarote. Revigorados, o Filho ia fazer aula de dança, o Velho descobria o prazer de pintar pratos e vasos de porcelana, quando voltassem para casa, informou, ia comprar telas e pincéis e brincar um pouco com eles. Também gostavam de responder aos quizzes, de

assuntos variados, da equipe de animação e de fazer uma fezinha no bingo. Após o jantar e o teatro (o pai na elegância discreta do único terno) desfrutavam as melodias do Blue Velvet, bebendo piña colada, a do Velho sem álcool, antes da grande diversão do baile do Topkapi. E no piano-bar notaram três amigas de meia idade, apreciadoras do mesmo roteiro. O Velho descobriu nos olhos do Filho interesse especial pela simpática moça do meio, de cabelo alourado, vestido azul. O Filho tinha um fraco por moças de vestido azul.

Enquanto bebericavam, o Filho avaliou que fizera bem em ter trazido o pai ao Dançando a Bordo, a novidade estava sendo boa para ele. Mas pensou no risco que corriam: o que faria se o Velho morresse de repente? Com intuição quase diabólica, o Velho pareceu adivinhar o pensamento do Filho e lhe disse: – Filho, ninguém morre enquanto está sendo feliz. Desconcertado, o Filho aproveitou para escapar até o banheiro. Retornou e pouco depois se aproximou dele o garçom brasileiro e lhe disse: – Aquela moça de azul disse que gostaria muito de conhecê-lo.

O Filho olhou imediatamente para o pai, que lhe fez apenas um sinal com a cabeça: vai lá. O rapaz levantou, encaminhou-se até a mesa das três moças e dali a pouco já estavam num papo animado, salpicado de risadas. Depois de algum tempo transferiram-se todos para o salão. O Velho verificou, com

óbvia satisfação, que havia se estabelecido uma boa química do Filho com as três moças, especialmente com Letícia, a de azul, com quem Bruno, o Filho, dançou quase toda a noite.

Nos dias que se seguiram a relação de Bruno com Letícia foi num crescendo romântico, até que na festa da piscina, na saída de Salvador, depois de conversarem sob as estrelas mais com os olhos do que com as palavras, ele lhe roubou um beijo, correspondido com calor. Assim vai ser difícil você se livrar de mim, disse Bruno, afastando-se para contemplar o rosto enternecido da moça. E quem disse que eu quero me livrar de você?, ela retrucou. E imediatamente os dois souberam que estavam namorando.

– Que bom naquela noite você mandou dizer pelo garçom que queria me conhecer. Não fosse isso talvez não houvesse me aproximado de você, eu estava fechado em mim – disse Bruno, dedos entrelaçados com os dela. – Do que você está falando, querido (pela primeira vez Letícia usava essa doce palavra) – Nunca mandei recado algum por garçom algum!

Bruno a olhou perplexo e então compreendeu: – Ah, o Velho não toma jeito – disse rindo, sacudindo a cabeça. E então explicou a ela o que se passara.

Como sempre acontece, o Dançando a Bordo chegou ao fim sem que as pessoas pudessem acreditar nisso. O cruzeiro passara com

a velocidade de um relâmpago, estavam todos cansados de tanto dançar, transbordantes de alegre vitalidade. E ali ia outra vez o Filho empurrando a cadeira de rodas do pai, agora no sentido contrário, em direção ao desembarque. Só que Bruno era outro, algo muito importante mudara dentro de si.

– Filho, muito obrigado por ter me trazido – disse o Velho, voltando a cabeça.

– Eu é que devia te agradecer, Velho.

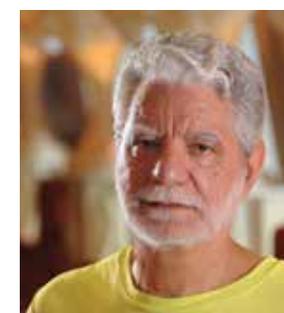
– Espero que você volte no ano que vem. Se puder eu volto – disse o Velho; e o Filho não disse nada.

– O importante é que valeu a pena, não é Velho – disse o Filho.

– Sempre vale a pena, Filho, quando o coração não é pequeno – o Velho deixou que o Poeta falasse por sua boca.

**Escritor e jornalista**

Autor de “A idade da paixão”  
Prêmio Jabuti Melhor Romance de 1986



Rubem Mauro Machado

## Destaques Verão 2013/2014

### Equipe Organizadora

*Renê Hermann (presidente)*  
*Francisco Ancona (direção geral)*  
*Theo e Mônica (coordenação artística)*  
*Milton Saldanha e Rubem Mauro*  
*(jornal Dance, promoção e divulgação oficial)*



Theo e Monica



Rafael Barros e Carine Moraes

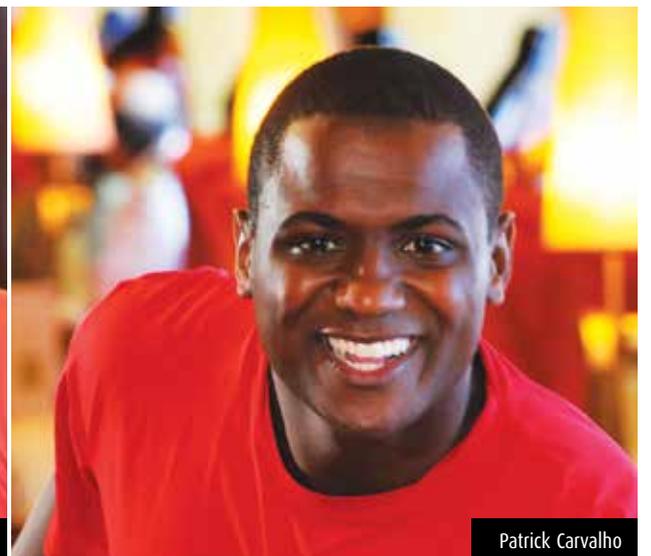
# Dançando a bordo 2014



Marcelo Grangeiro e Damyla Maria



Daniel Olviedo e Mariana Casagrande



Patrick Carvalho



Guilherme Abilhoa



Bruno Galhardo e Eglantine Oliveira



Gabriel Ferreira e Lidiane Emmerich



Carlinhos de Jesus e Vanessa



Jaime Aróxa



Leonardo Fortes e Roberta Carvalho



Ernani Maletta



Philip Miha e Fernanda Teixeira



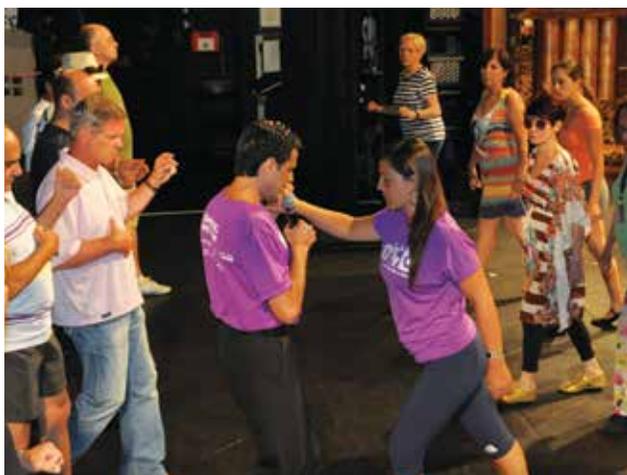
Verão 2013/2014

## Aula de dança a bordo

*Sim, dá para aprender bastante nas aulas de dança a bordo. Basta ver o peso dos nomes do nosso elenco: só tem feras! Contudo, vamos ser claros: não se trata de uma academia.*

*Estamos num cruzeiro de férias. As aulas precisam ser compatíveis com o clima geral de descontração que todos desejam e buscam. Numa academia normal a pessoa leva vários anos estudando e praticando. No cruzeiro temos só uma semana. Com outro detalhe: ao contrário de uma academia convencional, no navio não existem turmas homogêneas. Você estará ao lado de pessoas que já dançam muito bem e de outras que estarão tentando pela primeira vez. De pessoas que vestem calça e sapatos para dança, e outras que vão de bermuda e chinelos. Navio é assim. E quem não abdicar do mau-humor estará no lugar errado. O desafio aos professores é dar aulas que atendam ao gosto e possibilidades dessa salada humana. Logo, a prioridade é a diversão e o envolvimento de todos, sem bloqueios.*

Milton Saldanha



### Dancing Team

Sergio da Luz Junior  
Omar Jeferson Roberto Otávio Forte  
Marcio de Patto Lima  
Renato Dainez Forçan  
Thiago Santos de Araújo  
Rodrigo da Silva Nascimento Costa  
Rafael Pereira Rehder  
Talisson Brendler  
Pedro Alexandre Alves da Silva  
Adilis Rodrigues da Silva  
Ricardo Nepomuceno de Oliveira  
Hamilton Vaz Santos



### Dancing Team

Sergio da Luz Junior  
Hiago Santos Pimenta  
Nathan Damas Antonio  
Luiz Alberto Machado dos Santos  
Leonardo Pinho Pontes  
Ronaldo Murzmoto Nakato  
Ricardo Humberto de Alencar Santos Silva  
Talisson Brendler  
Alexandre Aparecido Trinca  
Renato Dainez Forçan  
Rodolfo da Silva Martins  
Daniel Rossa  
Jeferson de Melo Ferreira  
Sergio Rogerio Lopes Vicente  
Rodrigo da Silva Nascimento Costa  
Renato Celestino Evangelista





Theo e Monica



Aurora Lubiz

# Tango & Milonga 2014



Fernando Galera



Rodrigo Palacios e Augustina Berenstein



Cristovão Christianis



Douglas Mohmari e Fernanda Giuzio



Sheila Santos



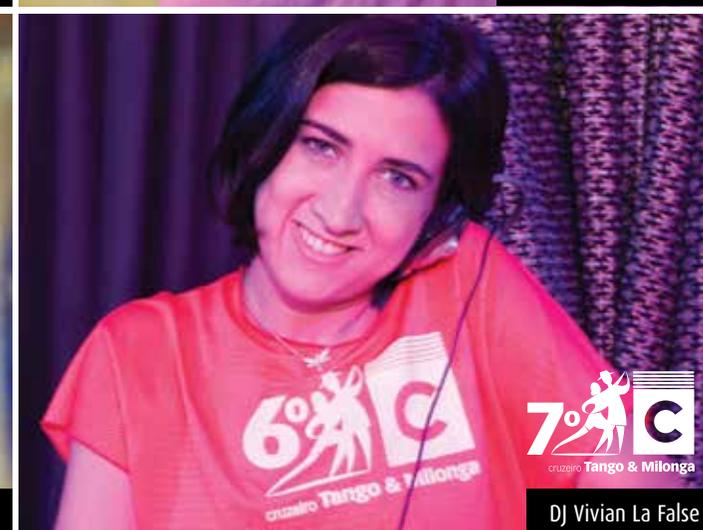
Rachel Mesquita



**A música a bordo  
Escolha seu baile**



A fartura musical dos cruzeiros Dançando a Bordo e Tango & Milonga, com música ao vivo e DJs, contemplando todos os ritmos, até mesmo alguns raramente tocados nos bailes, supera qualquer expectativa. Os bailes não têm aquilo que popularmente alguns chamam de “buracos”, que são períodos sem música, exceto os poucos segundos, ou minutos, para os ajustes técnicos. Quando uma banda pára, e são várias, entra outra, ou DJ. A idéia é nunca deixar o baile esfriar. Circulando pelo navio, as pessoas vão encontrando os bailes, cinco ou seis por noite, com ritmos diferentes. O aparato musical, ao vivo, vai de bandas completas a trios, duos e solos. Eles se revezam com nossos DJs. O ideal é curtir um pouco em cada salão. Certa vez, no Dançando a Bordo, numa das noites, havia também uma festa na piscina e rolavam sete bailes simultâneos. Nenhum evento, jamais, terá chegado a tanto. Nesta página, apresentamos nossos ecléticos DJs, que vão fazer todo mundo dançar.



**Confira também:**

- Lizzi Band
- Aile's Band
- Magic Sound Band
- Duo Mana e Robson
- Trio Sanyu
- Pianista Fabio Di Fazio
- Pianista Antonio Arlindo
- Dario Grigatti



# Dançando a Bordo:

## onze anos de uma festa sempre incrível

Foi há 20 anos. Algumas estrelas atuais da dança de salão estavam nascendo, ou eram crianças. Surgia o Dançando a Bordo, então com o nome oficial de I Cruzeiro Dançante ao Prata, no navio Eugenio Costa. Essa história já foi bem contada aqui no **Dance**, mas vale recordar que tudo começou com Francisco Ancona, consultor de marketing da Costa Cruzeiros; Ricardo Liendo, jovem professor que se destacava entre os melhores do gênero

e brilhava na TV; Adriana Cavalheiro, então parceira de Ricardo e “faz tudo” do grupo; e este editor, que lançava as primeiras edições do jornal pioneiro na dança de salão brasileira. Tempos em que o computador começava a surgir e era um equipamento precário, de poucos recursos. Quando a palavra Internet sequer existia.

Depois de um recesso que durou 9 anos, mas sempre com algum casal de professores

a bordo, em 2003 a Costa Cruzeiros retomou a idéia do temático e convocou uma equipe para inaugurar a atual série Dançando a Bordo, que neste 2014 chega aos 11 anos. A retomada foi no navio Costa Tropicale, em fevereiro de 2004, e entrava em cena um casal que se transformaria na cara do cruzeiro dançante: Theo e Monica. Mas Ricardo Liendo novamente estava lá, ao lado de Mauricio Butenas, Amanda Baldo, Karina Carvalho

(veterana do Eugênio), Vanessa Jardim, Giggio Giovanni, Clóvis Escarabelin, Renato Assis, Kátia Lourdes Santos e dois convidados muito especiais: Jaime Arôxa e Bianca Gonzalez. O DJ, como em todos, La Luna. Havia também Alexandre Bellarosa, que por razões particulares desistiu de embarcar. Nos bastidores, o presidente da comissão organizadora Renê Hermann; Francisco Ancona, na coordenação geral; Milton

## 11 Anos de Dançando a Bordo

por Milton Saldanha

Saldanha e Rubem Mauro, pelo Dance, jornal promotor e divulgador oficial. Outro nome historicamente ligado ao Dançando a Bordo é Naim Ayub, que nos tempos do Eugenio Costa era um garotão chefe da equipe de animação. No Costa Tropicale, Naim já era diretor de cruzeiro com muitas milhas náuticas percorridas através do mundo. Foi o diretor de cruzeiro de toda a série iniciada em 2004.

A estratégia de lançamento do Dançando a Bordo envolveu diversas atividades em terra, principalmente memoráveis bailes, ao som da David Costa Band, que tentavam reproduzir o ambiente a bordo, incluindo brincadeiras da equipe de animação. Esses bailes aconteceram também nos anos seguintes, passando por casas como Avenida Club, Zais, Club Homs, Clube Esperia, além de cidades do interior paulista e de outros Estados.

As edições especiais do Dance, tanto de apresentação como de cobertura dos cruzeiros, com 16 ou 20 páginas, tornaram-se verdadeiros documentos que contam tudo em detalhes, com muitos textos e fotos coloridas. As tiragens nunca foram inferiores a 10 mil exemplares impressos, ampliadas depois pelo uso da Internet, com o recurso do PDF, e parcerias com sites e redes sociais. A existência da Arena Jornal Dance, em todos os cruzeiros, na piscina central, foi sempre motivo de orgulho para este jornal.

O Dançando a Bordo formou ainda uma rede de parcerias com eventos de dança de salão, estimulando saudável troca de apoio, como também com empresas dedicadas a produtos de dança. Em nenhum momento o evento fechou-se em torno de si mesmo, querendo glórias só para si. Em duas edições, por exemplo, batizou salas com os nomes e logotipos de famosas casas de dança. Dedicou o mesmo carinho e atenção à entidades do meio, as associações que operam sem fins lucrativos. Por tudo isso, a Costa foi sempre grande parceira da dança de salão em todo o Brasil e também no exterior, neste último caso pelas grandes estrelas que levou aos seus navios, principalmente da Argentina.

Os Dançando a Bordo seguintes foram: segundo e terceiro, no Costa Victoria (2005 e 2006); quarto, Costa Fortuna (2007); quinto e sexto, Costa Magica (2008 e 2009); sétimo, Costa Concordia (2010); oitavo, Costa Serena (2011); nono, Costa Pacífica (2012); décimo, Costa Favolosa (2013) e agora décimo-primeiro, no Costa Fascinosa (2014).

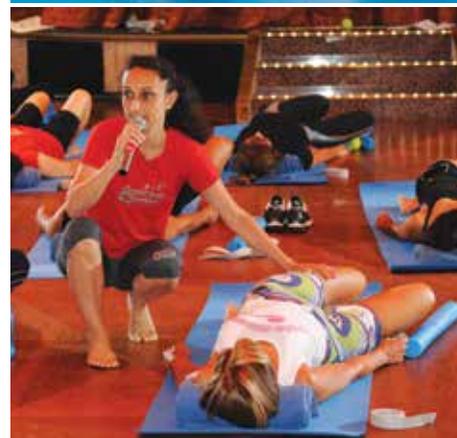
O cruzeiro no Costa Tropicale foi charmoso e marcado por grandes emoções. Mas foi a partir

do Costa Victoria que o Dançando a Bordo multiplicou seu porte e se consolidou como o cruzeiro campeão em antecipação de reservas em todo o mercado. Em agosto, está praticamente vendido um cruzeiro que só vai acontecer no ano seguinte. Quem não correr não consegue vaga. E mais: registra alto grau de fidelidade, ou seja, a maioria dos participantes sempre volta, inclusive aqueles que sistematicamente reclamam de tudo. Precisa dizer mais?

O Costa Victoria recebeu em 2005 novos nomes, como Fabiana Terra, Gustavo Lilla, Omar Forte, a DJ Drika e a terapeuta Mônica Casagrande. No ano seguinte, Cervila Junior, Euler e Bel. E, fato inédito, nos mesmos cruzeiros: a participação de Carlinhos de Jesus e de Jaime Arôxa, com suas companhias de dança. Dá para esquecer?

A vinda do Costa Fortuna ao Brasil, em 2007, de grande impacto, foi o primeiro contato do nosso público com mega-navios onde a decoração faz parte do show. As pessoas poderiam gostar, ou não, mas indiferente ninguém ficava. Em cada cantinho do navio havia algum detalhe chamando a atenção. Nesse cruzeiro o Dançando a Bordo agregou à sua História o célebre tanguero argentino Juan Carlos Copes e sua filha Johana, Jomar Mesquita, Fernando Campani, Daniela Diaz, Philip Miha, Anna Miha, Cadica, Katiusca Dickow, Cristovão Christianis, Patrick Nascimento, William Valle, Rachel Mesquita, Magoo, Carol, Solange Gueiros, Renata Duarte, Gisele Jacob, Andrea Ervatti e uma argentina que se tornaria madrinha de outro projeto vencedor, o Tango & Milonga: Aurora Lubiz, a tanguera.

O Tango & Milonga foi lançado em janeiro de 2008, no Costa Victoria. Além da estrela Aurora, contou com a Cia Copes Tango Danza,



Pablo Villaraza e Dana Frigoli, Adrian Griffiero e Roxina Villegas, Eduardo Perez e Gabriela Elias, Maurício Butenas e Fernanda Giuzio, Marcelo Cunha e Karina Sabah, Thelma e Wilson Pessi, da Confraria doTango, além do DJ argentino Mario Orlando, um dos mais prestigiados de Buenos Aires. Em rota oposta ao Dançando a Bordo, que é sempre para o Nordeste, o Tango & Milonga se destina a Buenos Aires, onde dá para passear e bailar bastante. Nesta temporada completa 7 anos e ostenta em sua galeria de honra, além dos já citados, nomes como Milena Plebs, Pancho Martinez, Adrian Veredice e Alejandra Hobert, Daniel Oviedo e Mariana Casagrande, Julio Altez, Roberto Herrera e Lorena Goldstein, Pedro e Julieta, Fernando Galera e Vilma Vega, Caroline Vieira, Marcelo Amorin e Anna Elise, Elaine Santana, Trio Tango (de Negrito Che Bandoneón), David Costa Band. Em 2008 e 2009 chegou a vez do Dançando a Bordo no Costa Magica. Entre os momentos marcantes, as homenagens ao cantor Roberto Luna, que se apresentou em noite especial. Chegaram Carla Cristina e os argentinos Damian e Sara. A Edição Especial do Dance (159, jan./fev. 2009), com Theo e Monica na capa, entre outros assuntos contava em detalhes como foi nosso primeiro cruzeiro no Eugênio Costa. Mas o momento mais antológico foi no cruzeiro de 2009: o triunfal desembarque de Carlinhos de Jesus na saída da Baía da Guanabara, depois de ter comandado animado Carnaval na Arena Jornal Dance, a piscina central. A multidão de passageiros aplaudiu e gritou o nome do mestre enquanto ele descia à lancha, com sua equipe.

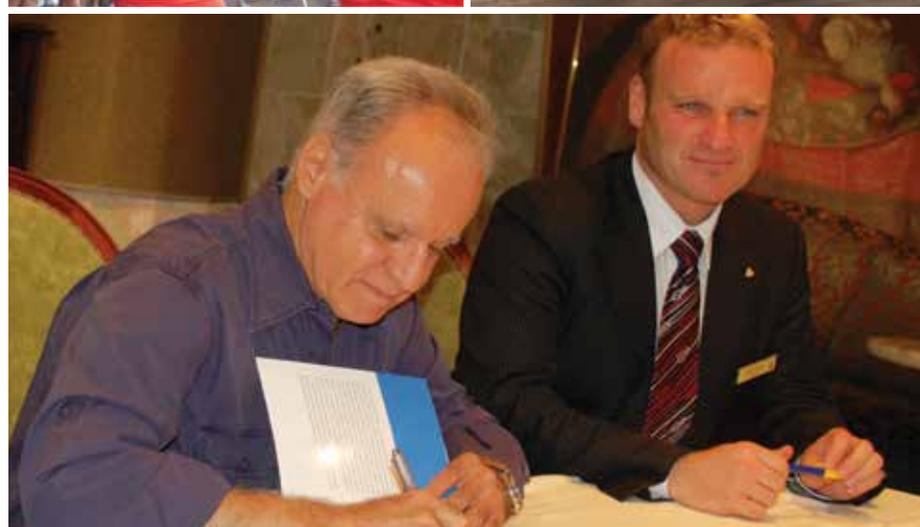
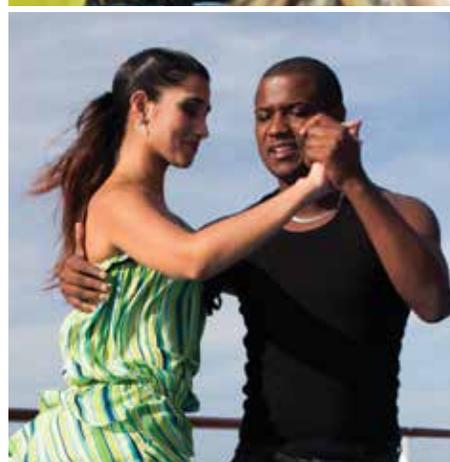
No verão de 2010 nasceu o caçula da nossa família de cruzeiros dançantes: Movida Latina, no navio Grand Celebration, da Ibero Cruzeiros, empresa que acabara de ser adquirida pelo grupo Costa. Depois aconteceu no navio Grand Mistral, com o diretor de cruzeiro Mauricio Justiniano, de longa carreira na dança de salão. Foi o projeto menos ambicioso, porque limitado pelas dimensões menores dos navios da Ibero. Mesmo assim deixou saudades e recebeu estrelas como Tito Ortos e Tamara Livolsi, Jayson e Jackie, de Porto Rico; Fernando Alonso e Ayelen Gauna, da Espanha, Fabiana Terra e Patrick Oliveira, Renato Veronezi e Carol Agatti, Rodrigo Marques e Carol Vilanova, Marcelo Chocolate, Douglas Mohmari, Ricardo Garcia, Rodrigo Delano e Adriana, DJ Branca, entre outros. Este cruzeiro tropical, para um público jovem, privilegiou os ritmos caribenhos e brasileiros.

O 7º Dançando a Bordo, de 2010, bombou, como sempre. Entre seus professores, os argentinos Maxi Cristiani e Belen Mercado, Rogerio Mendonza, Marcelo Grangeiro e Damyla Maria, Edson Modesto e Cintia Fiasch, Kelly Reis e Patrick Carvalho, DJ Edu. Este repórter teve noite de autógrafos com o livro "Maria Antonietta, a Dama da Gafieira", projeto e patrocínio da Costa. Ficaram belas lembranças de um navio lindo, o Concordia, depois atingido pela tragédia.

No Costa Serena vivemos as emoções do 8º Dançando a Bordo, em 2011. Na grande equipe de professores, de todos os ritmos, nomes como Juliana Macedo, Celeste Delise e Cristian Mariano, Bruno e Luciana, Lucas Bittencourt e Silvia Senra, o gaúcho Anchieta. Como nos demais dançantes, foram cerca de trezentas atividades, entre aulas, práticas, matinês, bailes, palestras, festas temáticas, shows de pista, teatro, etc. Só bailes, cinco por noite, simultâneos e dedicados a diferentes ritmos.

O 9º Dançando a Bordo, em 2012, no Costa Pacífica, teve saborosas novidades, como a Estação Cabaret, com violão e voz da irreverente Yvette Matos. Dentro da numerosa equipe, nomes do porte de Alex de Carvalho e Daniela Wergless, Jota Junior e Jussara, Sheila Aquino, Luciano Bastos, Renata Peçanha e Jorge Peres, Guilherme Abilhoa e Tatiana Leme, Sheila Santos, os argentinos campeões mundiais de tango Jonathan Spitel e Betsabet Flores, os brasileiros campeões mundiais de salsa Rafael Barros e Carine Morais. No tango, a renomada DJ argentina Vivi La False. No cruzeiro dos 10 anos, ano passado, no Costa Favolosa, dois momentos foram especiais: os talk-shows com Carlinhos de Jesus, num dia, e com Jaime Arôxa, em outro, no teatro, durante a tarde. Todas as atividades paralelas foram suspensas durante estes encontros, que teve abertura de Milton Saldanha, apresentando os entrevistados, e condução das entrevistas por Naim Ayub, o diretor de cruzeiro. No projeto, concebido por Francisco Ancona, as entrevistas foram entremeadas por apresentações, de improviso, de Carlinhos e Jaime. Eles estiveram em quase todos Dançando a Bordo, ministrando aulas e palestras, e também dançando. Carlinhos sempre comanda o Carnaval, uma das suas paixões. São parte ativa, portanto, desta História.

*O editor autografando o livro "Maria Antonietta, a dama da gafieira", ao lado do diretor de cruzeiros Naim Ayub.*





Maria Antonietta | 5º Dançando a Bordo

# Grandes momentos a bordo

Um dos mais emocionantes foi o encontro com Maria Antonietta (1927-2009), a bordo do Costa Magica, no 5º Dançando a Bordo, em 2008. Era escala no Rio e a famosa mestra, rainha da Estudantina Musical, na Lapa, onde vivia, foi levada ao navio por Theo e Monica. Numa sala exclusiva toda a equipe de professores e personal dancers aguardava. As câmeras de filmagem e de fotos de Rodolfo Ancona, o Ruda, já estavam ajustadas sobre tripés. Está tudo documentado, e isso agora é patrimônio da nossa História. Maria Antonietta recebeu homenagens e pode falar a vontade sobre sua vida e carreira. O “problema”, aliás, era fazê-la parar de falar... Fluente e brilhante, com surpreendente cultura para sua baixa escolaridade formal, Antonietta, mais do que nunca, foi estrela. Depois, encantada, almoçou e visitou o navio, gravando mais um pouco em bate-papo com Fabiana Terra. Só não pode viajar. Seu estado de saúde, com câncer e problemas de visão, já era delicado. Na manhã de 7 de abril

de 2009, aos 82 anos, Antonietta morreu. Sem deixar de ter sido um dos mais marcantes personagens do Dançando a Bordo.

*Há momentos em que um pequeno detalhe é tão lindo e grandioso, que fica para sempre em nossa memória. Foi assim na passagem rente à costa do navio Eugenio Costa pelo Cabo Santa Marta, em Santa Catarina, na semana do Dançando a Bordo, em 1995. Era uma manhã de sol e estava tudo tão lindo, o pessoal todo na piscina, que o comandante não resistiu e falou pelo som do navio, agradecendo à santa por aquele presente.*

As equipes Personal Dancers são indispensáveis e exercem notável papel a bordo. O precursor disso foi Ricardo Liendo, que voltava com sua equipe ao salão do Eugenio Costa, depois dos shows, para dançar com as senhoras e senhores. Entre as damas, Adriana Cavaleiro e Karina Carvalho. Este escriba também participava, para colaborar.

*O livro “Vem Dançar Comigo”, autobiografia de Carlinhos de Jesus, recebeu edição especial patrocinada pela Costa e foi distribuído nas cabines do Dançando a Bordo 2006, no Costa Victoria.*

Patrocinado pela Costa Cruzeiros e editado pela Senac Rio, o livro “As 3 Vidas de Jaime Arôxa”, deste autor, teve seu primeiro lançamento no Costa Fortuna, durante o 4º Dançando a Bordo, em 2007. O autor e seu personagem autografaram juntos durante 3 horas, a fila dobrava o salão.

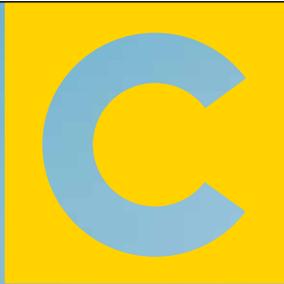
*Nem tudo é dança. As palestras também empolgaram nos vários cruzeiros dançantes. Entre as mais aplaudidas, aquelas proferidas por Jaime Arôxa, nos teatros, com ajuda de Bianca Gonzalez. Foram destaques também os palestrantes Carlinhos de Jesus, Rachel Mesquita e Anchieta.*

Maria Roza, da Cia Jaime Arôxa, roubou a cena com sua performance e sensualidade, no palco do Teatro Rex, durante o 4º Dançando a Bordo, no Costa Fortuna, em 2007.

*Neste mesmo cruzeiro, um marco na série, Rachel Mesquita, do Rio, montou a Escola de Samba Unidos do Costa Fortuna. Arrasou!*

É cada vez maior o número de grupos que comparecem aos cruzeiros dançantes com seus próprios uniformes, camisetas especialmente produzidas. O que é uma ótima forma de marketing para academias.

*Em abril de 2008 a Costa Cruzeiros festejou 60 anos no Brasil. Dance prestou sua homenagem recordando a parceria iniciada em 1994. Isso foi decisivo para o êxito do jornal e sua sobrevivência ao longo de 20 anos.*



Lançamento **2015**

# CRUZEIROS DANÇANTES NO COSTA FAVOLOSA E COSTA FORTUNA

*...e a história continua.*

Antecipe sua reserva até 30/4/2014 e garanta vantagens exclusivas:

- Grátis 2º hóspede
- 5% DESCONTO para repeaters
- Desconto PLUS, CostaClub



6 noites | 12º Dançando a Bordo, BAHIA II  
2015: **FEV 1** | embarque/desembarque Santos visitando Angra dos Reis, Salvador, Ilhabela



8 noites | 8º Tango & Milonga, PRATA VI  
2015: **FEV 22** | embarque/desembarque Santos visitando Rio, Buenos Aires, Montevideú, Ilhabela



**Costa**  
CRUZEIROS

ABAY 247/SP ANCONA LOPEZ

GRÁTIS 2º hóspede | 5% desconto para repeaters | PLUS | SENIOR | PAGUE SUA MELHOR TARIFA | ECONOMIZE AGORA | C | X | ALL INCLUSIVE | R\$ | ta

Consulte tarifas, benefícios e ofertas | Preços em Reais!

costacruzios.com.br

